



Experiência e Formação: Construindo Elos

Renata Camacho **Bezerra**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Foz do Iguaçu/PR.
Brasil

renatacamachobezerra@gmail.com

Este artigo é parte da dissertação de mestrado “Experiências e Vivências no CEFAM: Algumas contribuições para a Formação de Educadores” e tem por objetivo discutir o fato de que a formação se dá a partir das experiências vivenciadas em contextos sociais múltiplos e heterogêneos, e que vivenciamos diversas experiências formativas em diferentes tempos de nossa vida e devido a isso diferentes espaços e momentos formativos vão exercer influência significativa na prática profissional do professor. Diante disso é impossível separar a pessoa, da experiência e de seus contextos.

Experiência, para Mora (1996), é apreensão por parte de um sujeito de uma realidade, uma forma de ser, um modo de fazer, uma maneira de viver. Já Lalande (1996) classifica a experiência externa, como sendo a percepção e a experiência interna, com sendo a consciência e Japiassú (1996) define a experiência de forma geral, como sendo o conhecimento espontâneo ou vivido, adquirido pelo indivíduo ao longo de sua vida, de forma técnica como sendo a ação de observar ou de experimentar com a finalidade de domar ou de controlar uma hipótese.

O autor Teixeira (1971), no estudo introdutório do livro Vida e Educação de John Dewey (1971), definiu experiência como o “agir sobre outro corpo e sofrer de outro corpo uma reação.”.

Sabemos que desde a infância aprendemos coisas pela experiência. Das mais elementares e fundamentais funções do ser humano até as técnicas mais complexas, a experiência é quem ampara o aprendizado das pessoas – Torbet (1944) e Dewey (1971).

No início, estas experiências podem não ser propriamente cognitivas, sendo apenas orgânicas, e se não houver percepção das modificações que se processaram, elas passam a ser pouco significativa.

Dewey, já em 1938, alertava para o fato de que não se deve apenas proporcionar diversas experiências, mas se preocupar com a qualidade das mesmas. É importante que haja reflexão.

Vivem-se diversas experiências o tempo todo, através da reflexão pode-se ter a percepção do que ocorre conosco. A experiência por si só não é o bastante para determinar mudanças. É importante que a experiência, a reflexão e a percepção estejam interligadas, pois para Dewey (1971), as pessoas se educam a partir das experiências vividas inteligentemente e a educação é um contínuo organizar e reorganizar de experiências através da reflexão. “A experiência

alarga..., os conhecimentos, enriquece o nosso espirito e dá dia-a-dia, significação mais profunda à vida". (Teixeira, 1971)

Quando se fala em experiências passadas, está se pensando em reconstrução e não apenas numa simples lembrança, pois para Polettini (1999), refletir sobre experiências passadas não é o mesmo que passar por uma experiência. Para autora, memória e consciência trabalham juntas nesta volta ou reconstrução.

Sabe-se que ao longo dos anos as pessoas vivenciam diversas experiências. Pois segundo Polettini (1999), como pesquisadores ou observadores, analisa-se a história de vida das pessoas, mas o mais importante é enfatizar, neste processo, a análise da própria pessoa sobre suas experiências.

O fato isolado de viver uma experiência, não garante por si só, que haja transformações e, nesse caso, o período gasto pouco importa. Mais importante do que vivenciar uma experiência, será refletir sobre ela.

Neste processo, reflexão é a capacidade de analisar, de verificar o antes e o depois de certa situação, e colocar-se, com base na vivência de cada indivíduo, diante disso, a reflexão poderá acontecer em resposta a anseios internos, porém nada impede que ela venha como resposta a uma inquietação externa.

Já a "Percepção" é entendida como o resultado dessa reflexão, sendo elemento pelo qual se poderá sofrer ou provocar transformações. Transformações estas entendidas como sendo interiores, do próprio sujeito, ou de uma realidade concreta, como o ambiente da sala de aula e as relações sociais inclusas.

Por isso, é tão importante refletir sobre as experiências vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar e traçar elos entre a formação (inicial e continuada) e a experiência, mas elos que sejam refletidos coletivamente e individualmente na busca de melhoria não só na formação dos professores, mas do processo de ensino e aprendizagem.

Referências e Bibliografia

- BEZERRA, R. C. (2000) *Experiências e Vivências no CEFAM: Algumas contribuições para a Formação de Educadores*. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática. Universidade Estadual Paulista - UNESP Campus de Rio Claro.
- DEWEY, J. (1938) *Experience & Education*. New York.
- DEWEY, J. (1971) *Vida e Educação*. 7ª. Edição. São Paulo: Melhoramentos.
- JAPIASSÚ, H. (1996) *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LALANDE, A. (1996) *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. 2ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes.
- MORA, J. F. (1996) *Dicionário de Filosofia*. 2ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes.
- POLETTINI, A. F. F. (1999) Análise das Experiências Vividas Determinando o Desenvolvimento Profissional do Professor de Matemática. IN: BICUDO, M. A. V (Org.) *Pesquisa em Educação Matemática: Perspectivas e Concepções*. São Paulo: Editora da UNESP.
- TORBET, W. (1975) *Aprendendo pela Experiência*. São Paulo: Melhoramentos.